



MODOS DE VIDA E A TERRITORIALIDADE RIBEIRINHA: AS RELAÇÕES DE RECIPROCIDADE ENTRE AS MULHERES DO ASSENTAMENTO

VITÓRIA RÉGIA (ARAGOMINAS, TO)

ATAÍDES, Suzana S. S. de¹; MEDEIROS, Olívia M. M. de².

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo identificar e analisar as práticas de reciprocidade entre as mulheres ribeirinhas do assentamento Vitória Régia (Aragominas-TO), pensando essas relações como agente responsável pela territorialização do espaço ocupado. Como base teórica será aplicada a ideia de territorialização do espaço (Saquet, 2013), a noção de experiência (Thompson, 1981) e ribeirinidade (Neto e Furtado, 2015). Para o procedimento metodológico, pretende-se utilizar a história Oral a partir das discussões realizadas por Alessandro Portelli (2016) e o método História de Vida, que atribui maior liberdade ao entrevistado durante sua narrativa, além da Pesquisa Participante (Brandão, 2006).

Palavras-chave: Mulheres. Ribeirinidade. Território. Reciprocidade.

I. INTRODUÇÃO/JUSTIFICATIVA

Essa é uma proposta de pesquisa submetida e aprovada ao Programa de Pós-graduação em Cultura e Território (PPGCULT – UFNT). Pertencente à linha II do programa: “Manifestações Culturais, Narrativas e Linguagens” e partindo de uma perspectiva interdisciplinar, ela dialoga com os múltiplos saberes e modos de viver de uma comunidade ribeirinha localizada às margens do rio Araguaia, no Norte do Tocantins. O Assentamento Vitória Régia (Aragominas - TO) está localizado a 140km de distância de Araguaína – TO. Em um dos limites de sua área ele faz divisa

1 Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Cultura e Território (PPGCULT). Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), Centro de Ciências Integradas (CCI). suzana.ataides@ufnt.edu.br

2 Professora Doutora da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), atuando no Colegiado de História, no Programa de Pós-graduação em Cultura e Território (PPGCULT - UFNT) e no Programa de Mestrado e Doutorado Profissional em História (PROFHistória - UFNT). olivia.cormineiro@ufnt.edu.br



com o município de Araguaã - TO, nos demais, ele é rodeado por outros assentamentos, sendo o maior deles o assentamento Reunidas. A Vitória Régia possui cerca de 186 lotes, dois deles são áreas comunitárias. Nessas faixas de terra encontram-se diversas famílias que vivem do trabalho no campo, da pesca, da venda em pequenos comércios e da produção de farinha. O que o torna singular em relação às demais comunidades dessa região são as suas relações de sociabilidade que respaldam todo um modo de viver característico das pessoas que ali produzem.

Esclareço aqui que possuo uma proximidade com as pessoas desse assentamento, pois tenho alguns membros da minha família vivendo nele. Isso aumenta meu desejo em realizar uma pesquisa em parceria com os sujeitos da região.

II. BASE TEÓRICA

Pretende-se identificar e analisar as relações de reciprocidade entre as mulheres ribeirinhas dessa comunidade. Sabourin (2014), ao dialogar com Karl Polanyi, descreve situações onde as relações econômicas se mesclam às demais atividades e áreas de um grupo:

As relações de reciprocidade estruturadas sob uma forma simétrica geram valores éticos: a relação de reciprocidade em uma estrutura bilateral simétrica gera um sentimento de amizade; a estrutura simétrica de compartilhamento dos bens dentro de um grupo gera a confiança (SABOURIN, 2014, p. 5).

Para que isso seja possível, é necessário identificar os processos de sociabilidades das mulheres do assentamento, partindo da análise dos padrões de comportamento dessa comunidade. Tudo isso por meio da noção de experiência formulada por E. P. Thompson (1981), Para quem,

Os homens e mulheres também retornam como sujeitos, dentro deste termo - não como sujeitos autônomos, "indivíduos livres", mas como pessoas que experimentam suas situações e relações produtivas determinadas como necessidades e interesses e como antagonismos, e em seguida "tratam" essa experiência em sua consciência e sua cultura [...] e em seguida [...] agem, por sua vez, sobre sua situação determinada (THOMPSON, 1981, p. 182).



A partir da análise dos padrões de experiências, pretende-se interpretar como as práticas sociais, políticas e religiosas desse modo de viver atuam na territorialização do espaço, agindo também na construção identitária das mulheres ribeirinhas do assentamento Vitória Régia. Entende-se que a identidade pode ser desenvolvida a partir das trocas e experiências vivenciadas, mas, principalmente, pela formulação da diferença, onde elas são “nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas” (HALL, 2014, p. 108). Sendo assim, os moradores de uma comunidade estão sempre reformulando suas identidades a partir do contato com outras pessoas, do seu contexto diário e da sua relação com o ambiente e a natureza.

O território como um espaço natural, social e historicamente organizado (Saquet, 2013) é construído e constantemente reestruturado pelos próprios sujeitos que ali se perpetuam. Partindo da concepção de Saquet (2013) onde “o território só se efetiva quando os indivíduos são e estão em relação com outros indivíduos”, essa pesquisa objetiva pensar as relações de reciprocidade como agente responsável pela territorialização do espaço ocupado por essa comunidade ribeirinha.

III. OBJETIVOS

Objetivo Geral: Identificar e analisar as práticas de reciprocidade entre as mulheres ribeirinhas do assentamento Vitória Régia, dialogando com as narradoras acerca de suas origens e laços culturais, percebendo suas práticas como prováveis componentes de uma territorialização do espaço.

Objetivos específicos:

- Caracterizar as práticas de reciprocidade entre as mulheres ribeirinhas do assentamento Vitória Régia.
- Identificar e problematizar os valores compartilhados a partir da análise dos padrões de experiências das mulheres da comunidade.



- Investigar como o modo de viver das mulheres do assentamento se relaciona à construção de um território social.

IV. METODOLOGIA

Pretende-se trabalhar a partir dos relatos orais das moradoras da comunidade Vitória Régia. Para isso, utilizaremos a História Oral como base para nossa metodologia, além de uma abordagem exploratória, que consiste em um trabalho de investigação na região escolhida, associada à Pesquisa Participante. A História Oral gira em torno da produção de fontes orais que serão produzidas a partir da troca dialógica entre o pesquisador e o narrador em uma entrevista. Esta, segundo Alessandro Portelli (2016) gera narrativas individuais que necessitam, assim como as demais fontes, de uma análise crítica, onde se busca confirmar seu uso e seu nível de viabilidade.

Em conjunto com a História Oral, utilizaremos também a Pesquisa Participante buscando construir uma interação com as mulheres ribeirinhas do assentamento Vitória Régia, visando o compartilhamento de saberes e que se faça interagir o conhecimento acadêmico com os saberes tradicionais. A Pesquisa Participante, a partir do diálogo com Brandão (2006), corresponde à inserção engajada do pesquisador no campo de investigação, onde ocorrerá uma interação com os sujeitos pesquisados. Além disso, esses sujeitos passam a colaborar de maneira ativa na investigação, deixando de serem apenas “objetos de pesquisa”. Assim, procuramos reduzir as hierarquias entre o conhecimento científico e o conhecimento empírico.

V. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A pesquisa ainda está em fase inicial, pensando possibilidades e caminhos que correspondam aos objetivos proposto. No entanto, O tema escolhido para essa proposta de pesquisa é fruto de outro trabalho realizado durante a minha



graduação (PIBIC 2023/2024)³, o que proporciona uma bagagem de conteúdos em relação à discussão. Durante o projeto, conseguimos desenvolver um trabalho voltado para os modos de viver da gente ribeirinha do assentamento Vitória Régia. Conseguimos identificar fortes relações de sociabilidade entres os moradores e concluímos que esses laços eram mais evidentes dentro do assentamento Vitória Régia do que nos demais assentamento da região.

Atualmente há um maior interesse em analisar as relações de reciprocidade entre as mulheres, com um recorte mais aprofundado em raça e gênero. Ao analisar alguns dos processos de sociabilidade dos moradores do assentamento, identificamos que uma grande parte deles ocorre entre as mulheres. Em uma das entrevistas realizadas durante o PIBIC (2023/2024) conversamos com Dona Paixão, moradora do assentamento Vitória Régia que trabalha com a produção de farinha e a venda de polpas de frutas. Por ser uma senhora, ela conta que tem dificuldade de arrancar algumas frutas, mas que sua vizinha sempre lhe ajuda na colheita, como evidencia o seguinte relato:

Aqui quando é tempo de cupu, eu tenho uma renda boa de cupu, assim, eu tiro polpa, eu vendo... Tem vez que eu iencho é o frizer de polpa, dou pra vizinha ali, a mulher do Milton que sempre corta cupu aqui pra nós duas, ela corta pra mim mais ela, porque eu não dou conta de cortar só, né. Dá tanto cupu, que ajunto eu e ela cortando cupu, nós não damo conta, nós joga é muito no mato ainda porque nós não damo conta de cortar tudo. (Dona Paixão. *Entrevista n.3*. Entrevista concedida aos pesquisadores em 06/09/2023)

Isso indica que as relações de vizinhança são constantes e representam muito mais do que uma convivência imposta. Além disso, as mulheres fazem um acordo onde elas dividem a quantidade de polpa para cada uma, vendem ou doam para outros vizinhos. Esses vínculos são observados em diversos contextos e

³ ATAÍDES, Suzana S. S de; MEDEIROS, Euclides A. de. Modos de viver: as práticas e os saberes da população ribeirinha do assentamento Vitória Régia, Aragominas - TO. In. **III Jornada de Iniciação Científica “Educação e Ciência: Desafios e Perspectivas”**, 2024, Araguaína.



ambientes, por meio de padrões de experiências que traduzem o modo de viver característico baseado na construção de uma economia moral dentro da comunidade.

As mulheres são responsáveis pela maioria das atividades produtivas da região, como a pesca, a criação de animais de pequeno porte, a produção de leite, o comércio, a produção de polpa de frutas e a criação de hortaliças. Além disso, também representam um grande público na participação das reuniões sociais que acontecem na comunidade, como os jogos de futebol, as festas e as celebrações das igrejas. Em complemento, há uma iniciativa de algumas mulheres da própria comunidade que desejam criar um coletivo de mulheres dentro do assentamento e já iniciaram atividades voltadas para esse projeto.

Dito isso, propomos uma discussão acerca dos conhecimentos tradicionais, da territorialização do espaço, da reciprocidade e da construção identitária, com temas relacionados à ribeiridade e às mulheres. Tudo isso em parceria com a própria comunidade.

VI. CONCLUSÃO/CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observou-se inicialmente que há a presença de um modo de viver específico dos moradores do assentamento Vitória Régia, com processos de sociabilidade construídos a partir de uma consciência moral e afetiva. Dessa forma, a pesquisa a princípio expôs como os moradores desse assentamento constroem sentido à sua realidade vivida a partir de normas e valores construídos e compartilhados. Tais resultados surgiram a partir da análise dos padrões de experiência desses sujeitos, das entrevistas orais e visitas de campo. Também foram feitas leituras e fichamentos de textos que serviram como base para a análise dos resultados.



VII. REFERÊNCIAS

BRANDÃO, C. R. A pesquisa participante e a participação da pesquisa: um olhar entre tempos e espaços a partir da América Latina. In BRANDÃO, C.R. & STRECK, D.R. (Eds), **Pesquisa participante: a partilha do saber**. Aparecida: Ideias e Letras, 2006. p. 2 – 30.

HALL, S.. Quem precisa de Identidade? In: SILVA, T. T. (Org)., HALL S. e WOODWARD K.. **Identidade e Diferença**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 103-130.

NETO, F. R.. FURTADO, L. G.. A ribeiridade amazônica: algumas reflexões. **Cadernos de campo**, São Paulo, n.24, p. 158-182, 2015.

PORTELLI, A.. História Oral: Uma relação dialógica. In: PORTELLI, A.. **História Oral como Arte de Escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016. p. 9-25.

SABOURIN, E.. A economia de reciprocidade nos povos e comunidades tradicionais do Brasil, 2018. In : X Congresso ALASRU, Montevideo, Uruguay. **GT 4: Pueblos originarios: procesos sociales y naciones**. Disponível em: <<https://agritrop.cirad.fr/589506/1/Sabourin%20Ponencia%20ALASRU%20GT%2004.pdf> >

SAQUET, M. A.. Construindo uma proposta de abordagem territorial (i) material. In: SAQUET, M. A. **Abordagens e concepções sobre território**. 3. ed. São Paulo: Outras Expressões, 2013. p. 157-177.

THOMPSON, E. P.. O Termo Ausente: Experiência. In: THOMPSON, E. P.. **A Miséria da Teoria ou um planetário de erros: uma crítica ao pensamento de Althusser**. 1. ed. São Paulo: Monsanto editora gráfica Ltda, 1981. cap. 15, p. 180-20

VIII. AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Programa de Pós-graduação em Cultura e Território (PPGCULT) e ao Centro de Documentação Histórica (CDH), da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), um espaço de ensino e aprendizagem que sempre esteve presente na minha formação acadêmica e pessoal.

O presente trabalho ainda está em desenvolvimento e no atual momento não recebe recursos financeiros.